



Mark Levinson No.383: pairando no ar com uma leveza insustentável

Mark Levinson No.383

Doce madrigal

Mark Levinson é um nome mítico da alta fidelidade mundial. O homem, que lhe deu o nome, e a obra, que o ostenta, já não têm qualquer relação. A obra divorciou-se do seu criador e assina agora Madrigal Audio Laboratories. Teias que a Bolsa tece

TEXTO DE JOSÉ VÍCTOR HENRIQUES

O crítico de áudio é um pouco como o fotógrafo de moda: passam-lhe pelas mãos belas mulheres que nunca chega a possuir; limita-se a captar a sua imagem através da objectiva. Para que a fotografia resulte, tem contudo de haver uma empatia, quase que um flirt, um jogo de sedução. Por vezes casa com uma das modelos, mas é sol de pouca dura, porque são sempre precisos rostos novos e frescos, diferentes

Para conseguir que certas mulheres se dispam perante a objectiva tem de ganhar antes um certo estatuto: a fronteira entre a arte e a violação da dignidade é muito ténue. Uma fotografia pode, passe o aparente paradoxo, destruir uma imagem. Assim, uma mulher quando se entrega nas mãos de um fotógrafo tem de ter confiança na sua sensibilidade artística: a foto de um belo corpo não diz tudo - o segredo está na impossível descrição figurativa do espírito que o anima.

Todos os grandes místicos tentaram libertar-se do corpo em vida permitindo ao

espírito pairar acima da cruel realidade do ser. Hoje o corpo conta mais que o espírito, e fazem-se sacrifícios para o manter firme e belo como se a vida eterna dependesse disso.

As fotos que a Madrigal Laboratories me enviou do amplificador integrado Mark Levinson No.383 são tão boas que me apeteceu publicá-las em página inteira apenas com uma legenda singela, bem ao estilo do DNA. O amplificador parece pairar no ar com uma leveza insustentável. De facto, é de construção robusta e pesa cerca de 30 quilos. Mas o fotógrafo pretendeu transmitir esta imagem de liberdade, de leveza, de som etéreo. Deve tê-lo ouvido e com ele convívio. Flirtado, como escreveu Garret. Foi também esta a imagem que me ficou do No.383; a de um amplificador que se liberta do corpo ao ponto de se tornar inexistente.

Silêncio total. Fantasmagórico. Um pouco escuro como convém à introspecção auditiva; e, contudo, claro e transparente como um livro aberto. Leio nas mi-

nhas notas. Onde estão as vozes críticas que apodavam os Mark Levinson de «Dark» Levinson? Nada se perde na filigrana de harmónicos sobre a qual se molda a sua estrutura rítmica: os graves, «baixos» se preferirem, mais requintadamente musicais de toda a família Levinson. Talvez porque a cópula perfeita entre a secção de preamplificação (sem entrada phono) e os andares de amplificação dispensam o preservativo (buffer). São dois corpos num só como Tristão e Isolda. Sobre-lhe em paixão e amor pela música o que lhe falta em poder. Não que 100W (que dobram para 200W numa carga de 4 ómios) não sejam suficientes para as batalhas diárias que temos de travar. Mas não está fadado para vitórias por K.O. como os seus irmãos mais velhos.

Um dia, já lá vão quatro anos, após um duelo sem tréguas entre amplificadores, escrevi extenuado e feliz sobre os Mark Levinson No.33:

«Controlo absoluto do processo musical em curso. Boa focagem. Imagem es-

tereofónica espectacular, cinemática mesmo, estendendo-se para lá dos limites das colunas. Notável uniformidade da iluminação nos pontos mais recônditos, com os músicos perfeitamente audíveis mesmo no fundo do palco. Fabuloso o poder, articulação e definição dos sons graves com uma linha melódica distinta e limpa cavalgando a complexa estrutura rítmica, sem confusão possível entre cavaleiro e montada. Vozes cheias, presentes, naturais. Equilíbrio favorece muito ligeiramente os registos médio-altos. Muito bem preservada a musicalidade intrínseca de todos os trechos utilizados».

O No. 33 custa uma pequena fortuna. É o garanhão da família. Neste contexto, o No. 383 é uma égua – o primeiro elemento feminino a ostentar o nome de Mark Levinson: a total ausência de grão no agudo quase nos faz perder-lhe o rasto, como o de um cometa sem a cauda de poeira acústica; suave delicadeza dos registos médios, macios e doces como uma pele negra. Só não têm o poder do 33. É só isso que a ele lhe falta e a mim me faz falta. Não é uma questão de watts, é uma questão de tomates.

De facto é um casamento feliz entre um amplificador Model No. 334 e um prévio No.380. Mas reparem como se optou pela ambiguidade de um 8 vicioso para separar um 3 de outro 3, como a espada que separava Tristão de Isolda, enquanto dormiam, para não caírem na tentação da carne. Aqui dá-se também preferência à espiritualidade em detrimento da visceralidade.

O No. 383 é, por paradoxal que pareça, dos modelos da Mark Levinson que conheço (admito que ainda não ouvi todos), o que mais se aproxima do No.33 (e 33H). Também ele tem aquela «linha melódica distinta e limpa que cavalga a complexa estrutura rítmica do grave». Se é mulher só poder ser amazona.

Eu sei que alguns leitores ficam frustrados porque eu acabo por nunca descrever os aparelhos como mandam as regras. Devia, por exemplo, explorar o facto de o No. 383 utilizar um sistema operativo idêntico ao do prévio in excelsis No.32 que lhe permite fazer upgrades do software através da internet (porta RS-232). Ou falar da intrincada topologia interna (receio ser criticado por meter a foice em seara alheia), da tripla fonte de alimentação com os circuitos lógicos e cada um

dos canais alimentados separadamente; do ultra-preciso controlo de volume motorizado que, apesar de ter leitura digital, funciona no domínio analógico «comme il faut»; dos doze transístores bipolares por canal com cápsula de plástico para evitar o efeito de microfonia; das entradas balanceadas; do mostrador luminoso que mostra de facto (os caracteres são enormes e luminosos); da possibilidade de dar nomes diferentes às fontes (em vez de um leitor-CD anónimo pode escrever qual); do controlo remoto; do painel frontal ao estilo art-déco, etc.

Mas, tal como o fotógrafo, eu vejo o Mark Levinson No. 383 como o ouvi: levitando, como se não tivesse corpo, tendo-o. Eu sei, porque toquei a insustentável leveza do seu ser. E era um corpo de mulher.

A boa notícia é que não precisa de ficar só a olhar para o boneco, pode ir ouvi-lo na AudioElite, demonstrado por um dos maiores especialistas portugueses na matéria, Jorge «Le Maître» Gaspar. Que está disposto a provar-lhe que o No.383 pode ser feminino, mas tem pêlo na venta... ■

jvhsom@mail.telepac.pt

Distribuidor: AudioElite, telef. 21 795 15 01 . Fax: 21 795 14 99



Controlo remoto: para o pôr a tocar sem lhe tocar

O No. 383 é dos modelos da Mark Levinson que conheço (admito que ainda não ouvi todos), o que mais se aproxima do No.33 (e 33H). Também ele tem aquela «linha melódica distinta e limpa que cavalga a complexa estrutura rítmica do grave»

Painel frontal decorado no estilo art-déco

